

## A SUPREMACIA DO HINO OFICIAL DO FLAMENGO ATRAVÉS DO TEMPO

BRUNO CASTRO  
RAFAEL VALLADÃO  
IGOR ALVES DE MELO  
MANOEL JOSÉ GOMES TUBINO (IN MEMORIAN)  
Universidade Castelo Branco – RJ – Rio de Janeiro - Brasil  
rafael-valladao@hotmail.com

### Introdução

Nas letras dos hinos oficiais, dos principais Clubes de Futebol Carioca, percebe-se uma forte influência do contexto histórico da República Velha, e da influência higienista e bélica, na utilização de termos como: soldado, forte, nova raça, assepsia, marchar, morte, batalha. O que demonstra a forte influência de um pensamento elitista, que pretendia promover na cidade, uma grande separação de classes baseada em comportamentos higienistas e eugenistas.

Em 1899 a célebre compositora Chiquinha Gonzaga viria inaugurar, com a música "Ó Abre Alas" um novo gênero musical, denominado marchinha, que, apesar de sofrer influência, tinha características diferentes da marcha marcial utilizada pelas bandas militares. Tal gênero viria inspirar o ex-goleiro do Flamengo, Paulo de Magalhães, a compor o hino oficial de seu clube, em 1920, com atributos da marchinha carnavalesca, que o destacava dos demais hinos da época, que tinham forte influência das marchas militares.

O hino oficial do Flamengo, ou *Hymno Rubro-Negro*, possivelmente por três fatores teria se popularizado, através do tempo, mais que os outros hinos oficiais: ter sido influenciado pelas marchas carnavalescas em sua composição melódica; ter linguagem simples e popular nos seus versos, e também pelo fato do clube ter se tornado um "clube de massa", pois não possuía ainda sua sede da Gávea, e treinava em um terreno em praça pública, aos olhos de muitas pessoas, enquanto nos outros clubes os treinos eram privados (AQUINO e CRUZ, 2007).

Em campo, a pesquisa etnográfica buscou medir, através da aplicação de questionário e observação participativa, o grau de conhecimento, ou desconhecimento, em relação aos hinos oficiais dos clubes de 81 torcedores, do Flamengo (31), Vasco (15), Botafogo (15) e Fluminense (20) em partidas no Maracanã, no transcurso do Campeonato Brasileiro, no segundo semestre de 2007. Houve, também, excursões aos clubes e Museus, para coleta de dados históricos, e uma entrevista com Marcello Tijolo, ex-diretor da torcida organizada raça rubro-negra, realizada para esta pesquisa.

### Os hinos oficiais e a transição da marcha militar para carnavalesca

Da mesma forma que o hino oficial de uma nação desperta em seu povo o sentimento de identidade e pertencimento, criando um vínculo coletivo em que experimenta-se magicamente a nação em si mesmo (BERG, 2008), o hino de um clube de futebol desperta sentimento similar no torcedor. Bandeiras, flâmulas, mascotes e uniformes portam-se como ícones visuais de um determinado clube, enquanto, os hinos entoados pelas torcidas apresentam-se como ícones musicais de identidade coletiva que constroem e reconstróem sistematicamente a paixão do torcedor. Ao cantá-lo em consonância, o torcedor torna o time mais próximo de si, mais acessível ao seu imaginário. Cantar o hino em uníssono nos Estádios em favor de seu time é deixar o corpo ser apropriado pela cultura (MEDINA, 1990), sendo assim suporte de um signo social que representa resistência, liberdade e defesa da honra e da glória.

Os hinos oficiais, demonstrados no Quadro 1, encontrados na Fundação Museu da Imagem e do Som (FMIS), Museu do Futebol (MF), Arquivos do Botafogo de Futebol e Regatas

(ABFR) e algumas literaturas nos demais clubes, foram compostos em sua maioria, no período da Primeira República Brasileira (1889/1930), momento de amadorismo em que o futebol nacional ainda estava em fase de consolidação no país.

CLUBE / HINO	1º HINO OFICIAL	2º HINO OFICIAL	HINO POPULAR
<b>FLUMINENSE</b>	<sup>1</sup> H. Williams (música) e Coelho Netto (letra) -1915	<sup>2</sup> Antônio Cardoso de Menezes Filho – 1916	<sup>3</sup> Lamartine Babo/ Lírio Panicalli – 1949
<b>BOTAFOGO</b>	<sup>4</sup> Hino do Remo – Theophilo de Magalhães(música) Alberto Ruiz(letra) – 1921	<sup>4</sup> Glorioso. Hymno do Botafogo F. C. - Octacílio Gomes (letra) e Eduardo Souto (música) – ano desconhecido	<sup>3</sup> Lamartine Babo – 1949
<b>FLAMENGO</b>	<sup>2</sup> Hymno Rubro-Negro - Paulo de Magalhães – 1920	Não existe	<sup>3</sup> Lamartine Babo – 1945
<b>VASCO</b>	<sup>5</sup> Hymno Triunfal do Vasco da Gama - Joaquim Barros Ferreira da Silva – 1918	<sup>3</sup> Meu Pavilhão - Ernani Corrêa e João de Freitas – ano desconhecido	<sup>3</sup> Lamartine Babo – 1949

#### Quadro 1 - Ano da composição/autor (es) dos Hinos Oficiais e Populares

(Fonte: <sup>1</sup> COELHO NETTO, 2002, p. 37; <sup>2</sup> FMIS; <sup>3</sup> MF; <sup>4</sup> ABFR; <sup>5</sup> ROCHA,1975, p. 245-246)

A República Velha, como também era conhecida, serviu de cenário inspirador para os autores dos hinos oficiais dos principais clubes de futebol do Rio de Janeiro – Fluminense, Botafogo, Flamengo e Vasco. Ao analisarmos as letras desses hinos compostos nesse período, verificamos duas características básicas e predominantes que forjaram aspectos semelhantes nas manifestações, permitindo-nos agrupá-las.

A primeira característica é a forte influência do pensamento higienista nas letras dos hinos. Termos como: assepsia, limpeza, viril, saúde, nova raça, presentes nos hinos eram muito usados por intelectuais do período que acreditavam que os obstáculos impostos pela base racial brasileira eram insuperáveis, propondo o “branqueamento” da sociedade brasileira (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 70).

A segunda característica que podemos salientar é a presença do futebol brasileiro como substituto da atividade bélica nas letras dos hinos oficiais. Quase todas as composições desse período inicial fazem alusão ao time de futebol como um batalhão de soldados em marcha para defesa da honra ou para busca da “glória”, numa espécie de substituição do campo de guerra, repetidos pelos exércitos desde os rompantes nacionalistas do século XIX (BRANCO, 2006). Como se pode observar, por exemplo, nesse trecho do segundo hino oficial do Fluminense Football Club, composto por Antônio Cardoso de Menezes Filho, em 1916:

(...) Não nos cega o furor da batalha / Nem nos fere o rival, se é mais forte! / Nossas bolas são nossa metralha / Um bom goal, nosso tiro de morte / Fluminense, avante, ao combate / Nosso nome cerquemos de glória / Já se ouve tocar a rebate / Disputemos no campo a vitória (FMIS, 2008).

A essência dos hinos oficiais dos clubes cariocas se coaduna com o momento vivido pelo país na Primeira República, sob influência da Primeira Guerra Mundial e também com o simbolismo representado pelo esporte que simula uma batalha sem mortos e com hora para terminar, fazendo desse esporte uma válvula de escape das mazelas da vida cotidiana, num país marcado desde sua origem, pela exclusão social e racial. Como afirmara Sócrates, o ex-

jogador citado por Branco (2006), se não houvesse o futebol, nós teríamos outra coisa. Se não houvesse outra coisa, nós teríamos uma guerra civil a cada dia.

Em 1899, "Ó Abre Alas" de Chiquinha Gonzaga, primeira marcha carnavalesca tipicamente brasileira, viria representar, um desdobramento, das marchas de origem militar para as marchas populares, apontando o surgimento de um novo gênero musical brasileiro, que herdaria características das marchas marciais: as músicas carnavalescas (LIRA; DUTRA et al, 1978, 2009).

Anos mais tarde, Lamartine Babo se tornaria um dos maiores compositores das marchinhas do carnaval brasileiro, e na década de 1940 seria responsável pela composição dos hinos populares, eternizados pelos torcedores, dos clubes cariocas (VALENÇA, 1989), como, por exemplo, o popular hino do Flamengo:

Uma vez Flamengo, sempre Flamengo / Flamengo sempre eu hei de ser / é meu maior prazer, vê-lo brilhar, seja na terra, seja no mar / vencer, vencer, vencer / uma vez Flamengo / Flamengo até morrer / Na regata ele me mata, me maltrata, me arrebatá, de emoção o coração / consagrado no gramado / sempre amado /, o mais cotado nos Fla-Flus, é um ai-Jesus / eu teria um desgosto profundo, se faltasse o Flamengo no mundo / ele vibra, ele é fibra, muita fibra já pensou / Flamengo até morrer, eu sou (VOTRE e OLIVEIRA, 2003, p. 95).

### **O hino oficial do Flamengo como símbolo de popularidade através do tempo**

O hino oficial do Club de Regatas do Flamengo, composto em 1920 por Paulo de Magalhães, ex-goleiro do clube (VAZ e JÚNIOR, 2008), representa um marco transitório para os clubes entre as marchas de origem militar, que inspiraram os primeiros hinos, e as marchas populares que tiveram início com a compositora Chiquinha Gonzaga.

Flamengo! Flamengo! Tua glória é lutar, Flamengo! Flamengo! Campeão de terra e mar! Saudemos, pois, com muito ardor, O pavilhão do nosso amor, Preto e encarnado, Idolatrado, Dos mil campeões o vencedor! (...) Lutemos sempre com valor infindo, Ardentemente, com denodo e fé, Que o seu futuro inda será mais lindo, Que o seu presente que tão lindo é! Flamengo! Flamengo! Tua glória é lutar, Flamengo! Flamengo! Campeão de terra e mar! (AQUINO e CRUZ, 2007, p. 25).

Segundo Daflon e Pimentel (2006), em matéria no jornal O Globo, todos os hinos oficiais, com exceção do Flamengo são completamente desconhecidos. Nesse contexto destacam-se três fatores que podem ter proporcionado esse desconhecimento.

O primeiro fator que, provavelmente, contribuiu para que o hino oficial do Flamengo fosse o mais reconhecido, e cantado, pelos torcedores até os dias atuais, é a questão da obra de Paulo de Magalhães, que também era chamada de "marchinha", ter trazido uma linha melódica muito próxima das marchas carnavalescas. Mais tarde, a expansão do rádio também viria contribuir para sua popularização.

Outro fator seria a diferença entre a letra do hino oficial rubro-negro, de linguagem simples e popular, das letras dos demais hinos oficiais dos clubes cariocas de conteúdo mais rebuscado, complexo, com linguagem difícil, como, por exemplo, a do primeiro hino oficial do Vasco da Gama, composto, segundo Rocha (1975), pelo português Joaquim Barros Ferreira da Silva, em 1918:

Clangoroso apregoa, altaneiro / O clarim estridente da fama / Que dos clubes do Rio de Janeiro / O invencível é o Vasco da Gama / Se vitórias

já tem no passado / Glorias mil há de ter no porvir / O seu nome é por nós adorado / Como estrela no céu a fulgir (...) (ROCHA, 1975, p. 245-246)

Um terceiro fator que viria consolidar definitivamente o *Hymno Rubro-Negro* na memória do torcedor, seria a questão do povo estar sempre junto ao Flamengo em seus treinos, tornando este um “clube de massa”, uma vez que não possuía ainda sua sede na Gávea que só seria construída em 1936. Os outros clubes eram fechados, cercados por muros e mantinham seus treinos privados. Já o Flamengo treinava a céu aberto, em um terreno baldio, no campo público da Praça do Russel (AQUINO e CRUZ, 2007).

A pesquisa não se limitou à literatura, buscando também uma abordagem em campo para medir o grau de conhecimento e desconhecimento, por parte dos torcedores em relação aos hinos de seus clubes.

## **Metodologia**

A abordagem de campo caracterizou-se por uma pesquisa etnográfica, quantitativa, mista com aplicação de questionário, onde o próprio entrevistador assinalava as opções descritas pelos entrevistados, sendo as questões, referentes aos hinos oficiais, as seguintes: 1) “Sabes cantar algum trecho do hino de seu clube?” oferecendo as opções sim ou não; e 2) “Caso saiba, cante-o:”, onde o entrevistador, baseado pela literatura que fundamentou esta pesquisa julgaria: “Cantou certo”, “Cantou errado” ou “Cantou a marcha popular”. Além de ocorrer observação participativa, no Estádio Mário Filho - Maracanã - durante o segundo semestre de 2007, nas partidas de futebol dos times: Flamengo, Vasco da Gama, Botafogo e Fluminense, no transcurso do Campeonato Brasileiro.

A amostra constituiu-se em 81 torcedores, dos quatro clubes, sendo: 20 do Fluminense; 15 do Botafogo; 31 do Flamengo; 15 do Vasco, na faixa etária entre 20 e 60 anos, com a predominância de respostas dos pesquisados, com idade entre 20 e 40 anos, todos do sexo masculino.

Os jogos foram assistidos nas arquibancadas, por esta pesquisa, junto com às principais torcidas organizadas. Para obter um melhor desempenho, os questionários foram aplicados, aleatoriamente, nos intervalos e final dos jogos, para ganhar mais tempo e, assim, conseguir coletar um maior número de torcedores.

Além da abordagem de campo no Maracanã em 2007, ocorreu uma visita, no segundo semestre de 2008, às sedes dos clubes: Fluminense Football Club, Botafogo de Futebol e Regatas, Club de Regatas do Flamengo e Club de Regatas Vasco da Gama, para mais, a FMIS, no Rio de Janeiro, e o MF, em São Paulo, com o objetivo de coletar dados históricos sobre os hinos e os respectivos clubes.

Foi realizada, também, uma entrevista em janeiro de 2009 com Marcello Tijolo, de 43 anos, que foi diretor da torcida organizada Raça Rubro-Negra, na década de 1990, onde verificou-se seus conhecimentos em relação ao hino oficial do Flamengo.

## **Resultados e discussão**

Para facilitar a compreensão, a análise dos dados foi realizada no total da amostra e de acordo com o clube, representados no Quadro 2, demonstrando o número de torcedores que conhecem, ou desconhecem, o hino oficial de seu clube de futebol. O Quadro 2 resume os principais itens do questionário, objetivando apresentar o elevado grau de desconhecimento, do hino oficial dos clubes cariocas, por parte dos 81 pesquisados.

CLUBES	Nº DE PESQUISADOS	CONHECEM O HINO OFICIAL
FLUMINENSE	20	0
BOTAFOGO	15	0
FLAMENGO	31	2
VASCO	15	0
TOTAL	81	2

**Quadro 2** - Torcedores que conhecem, ou desconhecem, o hino oficial de seu clube.

É interessante observar que todos os pesquisados, torcedores do Vasco, Botafogo, Fluminense desconhecem o hino oficial de seu time. Já os do Flamengo 29 torcedores desconhecem o hino oficial do seu clube, enquanto somente 2 o conhecem.

Outro dado relevante, é que ao visitar os clubes, onde foram encontradas algumas partituras dos hinos oficiais e populares e literaturas que contam suas histórias, foi somente na boutique do Flamengo que encontrou-se um CD que continha, em duas de suas faixas, o hino popular de Lamartine Babo e o oficial de Paulo de Magalhães. Nos demais clubes não foram encontrados registros de áudio com os hinos oficiais. Além das partituras do hino oficial e popular originais do Flamengo, também foram encontradas algumas partituras dos demais clubes.

Marcello Tijolo relatou na entrevista, nunca ter ouvido o hino oficial do Flamengo entoado pelos torcedores nos Estádios, porém, salienta que este é tocado nas solenidades oficiais do clube, junto ao hino popular, fato que parece não acontecer nos demais clubes. O ex-diretor da Raça Rubro-Negra também afirmou que a manifestação oficial é usada até comercialmente em buzinas de automóveis.

Tais resultados reforçam as hipóteses apresentadas nessa pesquisa, de ser o hino oficial do Flamengo, o mais conhecido entre os demais hinos, por parte de seus torcedores.

## Conclusão

O Futebol e seus hinos são de extrema importância na formação da identidade do povo brasileiro. Os hinos oficiais e populares dos clubes de futebol, talvez representem na dimensão sociológica, a união mais bem sucedida desses universos, que enaltecem o cidadão brasileiro e que estão alicerçadas ao nosso sentimento de brasilidade.

Na dimensão das manifestações musicais oficiais faz-se necessário um resgate histórico mais aprofundado, das partituras, autorias, parcerias, datas das composições, gravações, enfim, toda representação simbólica dos hinos oficiais, haja visto que o espaço reservado à história dessas manifestações é bastante reduzido o que pode ocasionar o desaparecimento destes documentos históricos.

Através da análise do conjunto da obra de alguns hinos oficiais conclui-se que a importância do material, reflete à sua maneira, aspectos fundamentais no modo de viver e de se relacionar do carioca, ressaltando nuances do período histórico da Primeira República, mostrando o desdobramento da marcha militar para a carnavalesca, protagonizada pela célebre compositora Chiquinha Gonzaga.

Conclui-se também que os três fatores apresentados por esta pesquisa, são evidências relevantes para justificar o fato de mais torcedores do Flamengo conhecerem o hino oficial do seu clube, que os torcedores dos outros times. Tanto a pesquisa de campo, onde dois torcedores do time da Gávea, no questionário, cantaram o hino oficial, as visitas aos clubes e Museus e o depoimento de Marcello Tijolo, quanto à literatura apontam que o *Hymno Rubro-Negro* sobreviveu ao tempo, na memória de seus torcedores.

Além da importância educacional, filosófica, histórica e social, o estudo dos hinos faz emergir uma série de elementos sociais, culturais e emocionais que estão presentes em vários campos do viver humano e nos auxiliam a compreender as diversas contradições da sociedade brasileira e formular estudos e sugestões para um melhor desenvolvimento social.

## Referências

AQUINO, W.; CRUZ, C. **Acima de tudo rubro-negro: o álbum de Jayme de Carvalho**. Rio de Janeiro: C. Cruz, 2007.

Arquivo do Botafogo de Futebol e Regatas (ABFR). **Conselho Deliberativo**. Rio de Janeiro, 2008.

BERG, T. J. **Hinos de todos os países do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Panda Books, 2008.

BRANCO, C. Os Papéis Sociais do Futebol Brasileiro Revelados pela Música Popular (1915-1990). In: SILVA, F. C. T. da; SANTOS, R. P. dos (orgs.). **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006.

COELHO NETTO, PAULO. **História do Fluminense: 1902-2002**. atualização de Rodrigo Nascimento. 2. ed. Rio de Janeiro: Pluri Edições, 2002.

DAFLON, R.; PIMENTEL, J. **Hinos oficiais no esquecimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jornal O Globo, Março de 2006.

DUTRA, L. et al. **Você já cantou hoje? Então cante o carnaval de Chiquinha Gonzaga e Braguinha**. Site Velhos Amigos Disponível em: <<http://www.velhosamigos.com.br/HoraMusica/musica16.html>> Acesso em: 09 jan. 2009.

FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

Fundação Museu da Imagem e do Som (FMIS). **Arquivo do Almirante**. Rio de Janeiro, 2008.

LIRA, M. **Chiquinha Gonzaga, grande compositora popular brasileira**. 2.ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978.

MEDINA, J. P. S. **O brasileiro e seu corpo**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1990.

Museu do Futebol (MF). **A história do futebol brasileiro em exposição**. São Paulo, 2008.

ROCHA, J. da Silva. **Club de Regatas Vasco da Gama – Histórico**. Primeiro Volume. Trabalho de Pesquisa e redação de José da Silva Rocha 1893-1923. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpia Editora, 1975.

VALENÇA, S. S. **Tra-la-lá**. 2. ed. Rio de Janeiro: Velha Lapa Gráfica e Editora Ltda. 1989.

VAZ, A.; JÚNIOR, C. **Acima de tudo Rubro-Negro – A história do C. R. Flamengo**. Rio de Janeiro: Paju Editora, 2008.

VOTRE, S. J.; OLIVEIRA, A. B. de. Hinos e gritos de guerra do futebol: construindo e reconstruindo o imaginário. In: COSTA, V. L. M.; FERREIRA, N. T. (orgs.). **Esporte, jogo e imaginário social**. Rio de Janeiro: Shape, 2003.

**Palavras-chave:** Flamengo. Marchas. Hinos. Futebol.

**Bruno Castro** - End.: Rua Armando dos Santos, 1500, casa 373 – CEP.: 22790-330 - Recreio dos Bandeirantes – Rio de Janeiro, RJ – Brasil.

Tel./cel.: (21) 3215-8627 / (21) 8866-2583

[brunocastro@colegiosantamonica.com.br](mailto:brunocastro@colegiosantamonica.com.br)